

5ª aula

Matriarcas e amazonas

Reservei esta aula para apresentar dois tipos semelhantes de mitos. Um deles corresponde àqueles mitos que contam como as mulheres detinham ou usurpavam privilégios políticos e rituais que as colocavam como hierarquicamente superiores aos homens e como estes se revoltaram, despojando-as ou reconquistando sua posição. Mitos desse tipo foram considerados na argumentação de antropólogos evolucionistas do século XIX, que postularam a existência de uma fase matriarcal na história da humanidade. O outro tipo inclui os mitos referentes a sociedades constituídas exclusivamente de mulheres.

O ensaio matriarcal

As mulheres dessanas se apoderam das flautas sagradas. Voltemos ao livro *Antes o Mundo não Existia*, escrito por dois índios dessanas. O capítulo IX conta como as mulheres detiveram temporariamente as flautas que eram destinadas aos homens.

O pé de paxiúba, osso do herói *Guelamun yé*, foi distribuído por toda a humanidade, e os dessanas foram procurar o que lhes cabia. Um dessana chamado *Abé* (Sol ou Lua), encontrou a paxiúba e cortou dois pedaços, levando-os para sua casa, que ficava no rio Papuri, abaixo do lugar onde está hoje a Missão colombiana de Piracuara. Deixou-os no porto, junto a uma árvore e com um cipó que serve para provocar vômito.

De madrugada, *Abé* tentou acordar o filho, encarregando-o de ir ao porto e começar a fazer as flautas sagradas (*talósu waí-ngoá*). Mas o filho voltava sempre a dormir, até que as filhas de *Abé*, ouvindo o pai sussurrar algo relativo a cipó, ofereceram-se para irem buscá-lo, o que o pai, sem poder mais disfarçar, consentiu.

Ao chegarem ao porto, as moças encontraram os dois pedaços de paxiúba, que acharam belos e se perguntavam para que poderiam servir, enfiando-os inclusive na vagina. Os peixes que vinham subindo para ensinar como fazer e tocar as flautas, vendo as mulheres, voltaram. Por fim chegou um peixe que ensinou as moças como soprá-los e elas começaram a tocá-los.

O mundo inteiro ouviu o som das flautas e gente de toda parte se reuniu para comemorar o dia do açoite, como fazia *Guelamun yé*. Os homens, ao verem as mulheres como donas das flautas, afastaram-se aterrorizados. Outras mulheres chegaram e todas juntas foram reunir-se na casa de *Abé*. As mulheres chegaram à casa pelas dez horas da manhã. Os homens varriam e faziam todo serviço de mulher. Quando elas entraram, todos eles, inclusive *Abé*, saíram e se

esconderam.

Dando-se conta que as mulheres haviam se apoderado das flautas sagradas, os homens, irados, xingaram o rapaz dorminhoco. Tiraram cerne de outra espécie de paxiúba, usada para fazer pari de pesca, e confeccionaram uma flauta chamada *bariseron bëguë* (pai da fruta japurá). Deram pimenta ao dorminhoco para mastigar e cuspir um fio de saliva bem comprido, que se tornou um cipó, o qual foi partido em pequenos pedaços, usados para acompanhar a música da flauta que acabavam de confeccionar. O dorminhoco foi encarregado de tocá-la. Esse rapaz caiu duas vezes fulminado e duas vezes foi ressuscitado: uma, quando lhe saiu o fio de saliva da boca; outra, quando uma de suas irmãs levou a mão à orelha para escutar o som da flauta *bariseron bëguë*.

Irritados, os homens, inclusive o dorminhoco, pensam em matar todas as mulheres. *Abé* era contra essa ideia, no que foi apoiado por uma intervenção do Criador, *Ngoamã* (*Ĕmëkho sulân Panlāmin*). A flauta *bariseron bëguë* foi apontada na direção da vagina de uma das filhas de *Abé*, para que seu som nela penetrasse e a explodisse, junto com todas as outras mulheres, que estavam cobertas de enfeites masculinos. *Ngoamã*, porém, ergueu a flauta na direção do peito da mulher e ele mesmo soprou.

O som desarvorou as mulheres, que caíram desacordadas e acabaram por fugir da casa, abandonando as flautas sagradas (*talósu waí-ngoá*). Uma das filhas de *Abé* levou, entretanto, consigo um pedacinho de uma dessas flautas que escondeu na vagina. Os homens retomaram a maloca e se apoderaram das flautas sagradas. As duas filhas de *Abé* fugiram chorando para o sul e nunca mais voltaram. Numa pedra em Itapinima, no rio Uaupés, abaixo de Taracua, escreveram a história de sua conquista das flautas sagradas.

As mulheres mundurucus descobrem as trombetas sagradas. O mito que agora vou resumir está nas pp. 89-91 do livro *Mundurucú Religion*, de Robert Murphy (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1958).

Havia três mulheres que, quando iam buscar lenha, ouviam uma música, que acabaram descobrindo vir de um lago que até então desconheciam. Mas nele apenas encontraram peixes jejus. Com ajuda de redes em cujas bocas esfregaram uma noz que fazia os peixes dormirem, cada mulher conseguiu apanhar apenas um peixe, e eles se transformaram em trombetas cilíndricas e ocas. Os outros peixes fugiram (por isso hoje a casa-dos-homens tem apenas três trombetas). As mulheres esconderam as trombetas na floresta e todos os dias, secretamente, iam tocá-las.

As três mulheres passaram a se dedicar exclusivamente às trombetas e abandonaram seus maridos e o serviço doméstico para tocá-las. Os homens ficaram muito desconfiados e *Marimarebö*, irmão de uma delas, as seguiu e descobriu seu segredo, embora não tenha chegado a ver as trombetas. Ele contou aos outros homens. Quando as mulheres voltaram, *Marimarebö* lhes

indagou se elas tinham instrumentos musicais na floresta, e elas confirmaram. Então ele lhes disse que elas deveriam tocar os instrumentos em casa e não na floresta. As três mulheres concordaram.

Entretanto, como possuidoras das trombetas, as mulheres já tinham ganhado ascendência sobre os homens: eles é que apanhavam lenha e buscavam água, e também tinham de fazer beijos. Mas a inversão das tarefas não se fizera totalmente: era preciso oferecer carne às trombetas, o que dependia dos homens, que continuavam a caçar, enquanto as mulheres só ofereciam aos instrumentos uma bebida feita de macaxeira. Por isso, *Marimarebö* queria que os homens tomassem as trombetas das mulheres, mas eles temiam fazê-lo.

No dia aprazado para as mulheres trazerem as trombetas para a aldeia, elas mandaram os homens irem caçar, enquanto elas faziam a bebida de macaxeira. Quando eles retornaram, as três descobridoras conduziram as outras mulheres para buscar as trombetas. A irmã de *Marimarebö*, líder das mulheres, enviou uma delas à aldeia para ordenar aos homens que se encerrassem nas casas de habitação, mas eles se recusaram a deixar a casa-dos-homens. Então a própria líder veio para fazer com que cumprissem a ordem. *Marimarebö* então respondeu que eles iriam ficar nas casas de habitação apenas uma noite; que os homens queriam as trombetas e iriam tomá-las no dia seguinte; se as mulheres não as entregassem, então eles não iriam caçar e não haveria carne para oferecer à trombetas. A líder concordou, pois sabia que não podia caçar para as trombetas e para os hóspedes das cerimônias.

Os homens se encerraram nas habitações e as mulheres desfilaram em torno da aldeia, tocando as trombetas. Depois entraram na casa-dos-homens para pernoitar e lá instalaram os instrumentos. Em seguida, durante toda a noite, uma por uma, as mulheres foram às habitações e forçaram os homens a terem relações sexuais com elas. Os homens não podiam recusar (como hoje as mulheres não podem se recusar aos desejos masculinos).

No dia seguinte, os homens tomaram as trombetas, e forçaram as mulheres a voltarem para suas habitações. As mulheres choraram sua perda.

As amazonas

Conforme os craôs. Há quase quarenta anos (15-11-63) o craô Esteves me contou o mito que resumo abaixo.

Havia uma aldeia só de mulheres. Só havia dois homens para reproduzir. Aqueles que não eram bons para copular ou que procuravam pouco as mulheres eram mortos.

Dois rapazes craôs foram visitar a aldeia. Chegaram quando as mulheres vinham correndo com toras. Elas tinham conseguido muita carne de caça. Tinham também muita produção agrícola. Deram muita comida para eles.

De manhã as mulheres estavam fazendo machado. Os rapazes chegaram a uma casa. Duas moças os convidaram para ter relações sexuais, mas os advertiram de que ainda eram virgens. Elas tinham peitinhos durinhos e naquela época não usavam pano. Cada uma escolheu um deles, desafiando-o para uma corrida, desde o pátio central da aldeia até o local do banho. O primeiro casal correu e o rapaz chegou na frente. A moça se entregou a ele. Ele descansou um pouco e a levou para o mato, onde a deflorou. A segunda moça também perdeu a corrida e o outro rapaz fez o mesmo.

No dia seguinte, correram de novo bem cedo. Cada casal copulou duas vezes. Os rapazes passaram uns três dias e resolveram ir embora, antes que alguma mulher os passasse na corrida e os matasse. As mulheres deram muitas coisas para eles comerem na estrada. E um machado de pedra para cada um. E eles foram embora.

E contaram sua aventura na aldeia das mulheres. Mas os outros não foram lá, eram ruins de correr e tiveram medo. Mas uma nação brava demais veio e matou todas as mulheres, ficando só mesmo a tapera. Outros rapazes craôs foram até lá e só viram os ossos.

Conforme os marubos. Há também duas versões marubos de um mito sobre uma sociedade de mulheres. Elas foram colhidas por Delvair Montagner em 1978. Ambas são obscuras nos seus detalhes, mas é possível dar uma ideia das mesmas. Uma foi contada por Firmino e a outra por Rita. O que mais impressiona é que uma das versões, a de Rita, também associa a sociedade de mulheres com o machado, que não era fabricado pelas mulheres, mas pelo Inca, em cujo caminho elas viviam.

As duas versões as situam em lugares diferentes: uma na primeira camada celeste e também no *Noa Ataire*. Caso este nome tenha sido anotado defeituosamente no lugar de *Noa Tae*, elas estariam na desembocadura do grande rio mítico. A outra as coloca coerentemente a oeste, na direção do Inca. Ambas as versões as reconhecem como muito hábeis no uso do arco, pois abatiam araras e papagaios em pleno voo, quando passavam sobre o local em que viviam. Na versão de Rita, as mulheres são grandes, sem filhos. Na de Firmino, são cantadoras e entram no corpo do pajé nas sessões xamânicas.

Ambas as versões falam dos cuidados que tomavam os homens antes de alcançar o lugar dessas mulheres. Tiravam pênis de quati, rabo ou pênis de jacaré, esquentavam-nos no fogo. Uma versão diz que eles esquentavam os próprio pênis. Assim se preparavam para ter relações sexuais com elas. Certamente eram cuidados para manterem uma prolongada ereção.

Os homens faziam todo esforço para manterem muitas relações sexuais com elas. Aqueles cujo desempenho elas consideravam fraco, eram perseguidos e mortos.

Na versão de Rita, depois de passarem por essas mulheres é que os homens alcançavam o Inca, que lhes dava os machados.